

A criação da Rede Brasil-Reino Unido em Medicina & Ciência da Dança como um lugar potencial de relações entre pesquisas poético-criacionais.

VALERIA MARIA CHAVES FIGUEIREDO

ADRIANO BITTAR

ALEXANDRE FERREIRA

■ 78

Valeria Maria Chaves Figueiredo é professora associada da Universidade Federal de Goiás - UFG. Doutora em educação. Trabalha nos cursos de dança e teatro.

Adriano Bittar é professor da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás - Eseffego/GO. Doutor em artes.

Alexandre Ferreira é professor adjunto da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás - FEFD/UFG

■ RESUMO

A Medicina e Ciência da Dança (MCD) é uma área que se desenvolve há mais de 20 anos através da colaboração entre profissionais da dança, medicina, educação, psicologia, nutrição, dentre outros. O objetivo é promover o bem-estar e saúde dos dançarinos através do desenvolvimento de pesquisas e serviços nas diversas vertentes, desde a saúde, treinamento, performance, bem-estar, educação e a cena artística. No Reino Unido, a UNIVERSITY OF WOLVERHAMPTON, líder na área da MCD, em parceria com o NATIONAL INSTITUTE OF DANCE MEDICINE AND SCIENCE – NIDMS, formado por esta instituição e o BIRMINGHAM ROYAL BALLET, ONE DANCE UK, TRINITY LABAN E UNIVERSITY OF BIRMINGHAM, iniciou em 2016, amplo diálogo com a UEG, UFG, IFG, USP, UNICAMP, UNIVERSO e UFRGS, além de outros interessados da iniciativa privada e pessoas físicas, no sentido de estruturar uma cooperação internacional, constituindo assim, a REDE BRASIL-REINO UNIDO EM MCD. O objetivo central é desenvolver pesquisas e serviços colaborativos durante o período de 15 anos, estabelecendo caminhos transdisciplinares para o sucesso da parceria Dança, Ciência e Saúde.

■ PALAVRAS-CAVE

Rede, dança, medicina, ciência.

79 ■

■ ABSTRACT

Dance Medicine & Science (DMS) is a field of study that has developed globally over the last 20 years through the collaboration of different professionals, from dance, medicine, education, psychology, nutrition, among others. The goal is to promote the well-being and health of dancers through the development of research and services in various aspects, from health, training, performance, well-being and education. In the United Kingdom, the UNIVERSITY OF WOLVERHAMPTON, a leader in the DMS field, in partnership with the NATIONAL INSTITUTE OF DANCE MEDICINE AND SCIENCE - NIDMS, formed by this university and BIRMINGHAM ROYAL BALLET, ONE DANCE UK, TRINITY LABAN AND UNIVERSITY OF BIRMINGHAM, started, in 2016, a broad dialogue with UEG, UFG, IFG, USP, UNICAMP, UNIVERSO and UFRGS, as well as with other stakeholders from the private sector and individuals, in order to create an international cooperation, through the BRAZIL-UNITED KINGDOM DMS NETWORK. The main objective is to develop research and collaborative services during a 15-year period, establishing transdisciplinary ways for the advancement of the partnership Dance, Science and Health.

■ KEYWORDS

Network, dance, medicine, science.

Introdução

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão teórica sobre o campo de estudo da Medicina e Ciência da Dança (MCD) e as possibilidades desenhadas em nova Rede estabelecida entre o Brasil e o Reino Unido, no sentido de serem constituídos grupos de pesquisa para consolidar a produção do conhecimento e a criação de serviços nessa área. Através de um percurso histórico embasado por uma pesquisa bibliográfica, pretende-se apresentar os diversos estudos que vem sendo desenvolvidos no Brasil e no Reino Unido, que mostram os potenciais da MCD, ao mesmo tempo em que apontam os desafios enfrentados por este campo para a constituição da Rede, e também, apontar os campos de pesquisa que irão compor tal estrutura no sentido de ampliar a visão da própria MCD para o olhar da poética do corpo e da cena.

O Surgimento da Medicina e Ciência da Dança

O campo da MCD nasceu da integração de áreas e das necessidades que surgiram com a descoberta de que demandas da própria prática, exaustiva e/ou mal aplicada, poderiam causar sérias e inúmeras lesões. Essas constatações inicialmente foram feitas por escolas e cias prioritariamente de balé clássico. O registro de organização das primeiras lesões em práticas corporais aconteceu por volta de 1700, por Bernardino Ramazzini em seu livro *"Diseases of the Workers"*, na área da saúde ocupacional. Já no século XIX, as doenças de atletas começaram a ser largamente descritas e em 1928 surgiu o termo Medicina do Esporte, nos II Jogos Olímpicos de Inverno, na Suíça, e também nesse ano, o primeiro congresso internacional da Medicina do Esporte, em Amsterdã.

No desenvolvimento das pesquisas e avanço da área, direcionado agora para os profissionais que faziam dança, em meados dos anos de 1950 tivemos oficialmente as primeiras lesões identificadas com a dança no *"Occupational Marks and Other Physical Signs"*, época em que os primeiros artigos sobre lesões nesta área começaram a surgir. Em 1979 o termo Medicina da Dança foi utilizado no I Simpósio Internacional sobre os Aspectos Médicos e Ortopédicos da Dança, em Nova Iorque, e em 1982 dois importantes simpósios médicos sobre a Dança foram realizados em Paris (RYAN, 1997).

No que tange à formação, efetivamente apenas em 1985 nasceu o primeiro curso na Medicina da Dança em Alicante, na Espanha, coordenado pelo Dr. Juan Bosco Minguez. Esse curso fortaleceu a área e promoveu a formação da Associação Espanhola de Medicina da Dança. Em 1990, bailarinos, profissionais da MCD, professores e cientistas de dança dos Estados Unidos da América (EUA), Inglaterra e Bélgica formaram a International Association for Dance Medicine & Science - Associação Internacional para a Medicina & Ciência da Dança (IADMS)¹, com intuito

¹ Atualmente, a IADMS conta com mais de 900 sócios dançarinos e de outras profissões da área da saúde, provenientes de mais de 35 países. Ela organiza uma conferência anual e o "Journal of Dance Medicine & Science", dentre outras ações. A IADMS conta ainda com várias organizações parceiras que oferecem cursos técnicos, mestrados, doutorados e pós-doutorados, assim como serviços e produtos específicos voltados para a área da MCD. No Brasil existem até hoje apenas 11 profissionais membros da IADMS, a saber: Adriano Bittar, Aline Haas, Bárbara Marques, Clara Fischer, Cláudia Daronch, Daisy Machado, Flora Pitta, Izabela Gavioli, Kaanda Gontijo, Márcia Leite e Mariana Bahlis (IADMS, 2016).

de promover e desenvolver ações para melhorar a saúde, bem-estar, treinamento e desempenho de dançarinos, cultivando excelência educacional, médica e científica.

A Medicina e Ciência da Dança no Brasil e a Rede BR-UK

Inúmeros esforços isolados são praticados por escolas, companhias de dança e agentes no Brasil no sentido do cuidado com a saúde e educação dos dançarinos brasileiros. Porém, todos sofreram pela falta de acesso à informação e envolvimento da comunidade brasileira. Apesar de alguns pesquisadores e universidades bastante competentes terem começado a desenvolver pesquisas e serviços nesta área, como a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a MCD como um campo integrado e autônomo pouco se desenvolveu, sendo considerado ainda em sua infância na "terra brasilis" (GAM, 2016).

Entretanto, um esforço coletivo em 2016 parece ser promissor para a expansão da MCD no Brasil. Através do contato do Prof. Adriano Bittar, da UEG, com o Prof. Matthew Wyon, da UNIVERSITY OF WOLVERHAMPTON, líder na área da MCD, foi proposta a formação da REDE BRASIL-REINO UNIDO EM MCD, com objetivo de desenvolver pesquisas e serviços colaborativos durante o período de 15 anos (Figura 1). Assim, alguns agentes do Reino Unido, que compunham o National Institute of Dance Medicine And Science – Nidms, formado pela parceria da University of Wolverhampton, do Birmingham Royal Ballet, One Dance Uk, Trinity Laban Conservatoire Of Music And Dance E University Of Birmingham, começaram, em março de 2016, um diálogo com a UEG no sentido de promover uma cooperação entre estas instituições e, dentre outras, a UFG, Instituto Federal de Goiás (IFG), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Salgado de Oliveria (Universo) e Universidade Federal do Rio Grande Do Sul (UFRGS), além de outros interessados da iniciativa privada e pessoas físicas.

Além dos aspectos fisiológicos e biodinâmicos, já analisados no Reino Unido e também no Brasil, a Rede pretende ampliar as pesquisas desenvolvidas, sem deixar o que já está estabelecido, promovendo um olhar voltado também para discussão dos processos de criação em Dança. Isto se dará no âmbito das poéticas da cena e do artista, que vão se abastecer nas técnicas e métodos na arte, assim como nas ciências da saúde e nos possíveis trânsitos entre eles, estabelecendo outros caminhos de contribuição para a criação e preparação do corpo e da cena. A primeira ação para o estabelecimento dessa Rede foi a realização de um projeto de extensão/workshop¹ que ocorreu no período de 27-31 de agosto de 2016, no Centro Cultural da Universidade Federal de Goiás (CCUFG). Este evento foi inicialmente proposto e idealizado pelo Prof. Bittar, da UEG/Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás (ESEFFEGO), e o Prof. Wyon, da University of Wolverhampton/School of Performing Arts.

² Ver anais do evento publicado na Revista Movimenta da UEG: <http://www.revista.ueg.br/index.php/movimenta>



Figura 1. Logomarcas da Rede BR-UK em Medicina & Ciência da Dança. Produção: Úrsulla Cabral, 2016. Fonte: arquivos pessoais, 2016.

O encontro foi co-financiado pelo British Council, através do Newton Fund, e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), e realizado pela UEG/ESEFFEGO/Pró-reitoria de Extensão (PRE), University of Wolverhampton e NIDMS. Como parceiros, o workshop teve o Curso de Dança da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD)/UFG e o Curso de Dança do IFG/Campus Aparecida de Goiânia. Já como parceria institucional, o apoio foi do CCUFG/Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEC).

Os objetivos do workshop foram apresentar uma perspectiva geral do campo da MCD; introduzir a MCD para pesquisadores de dança e de saúde no Brasil; descrever como a MCD é crescente em todo o mundo, suas potencialidades e desafios; efetivar o intercâmbio de conhecimentos, experiências e ideias sobre a base de investigação da MCD e os serviços já existentes no Reino Unido e no Brasil; tornar-se consciente de oportunidades de financiamento e de desenvolvimento de carreira e de como formar colaborações internacionais na MCD; e criar estratégias e um plano de ação relacionado ao desenvolvimento de uma colaboração internacional Brasil-Reino Unido relativa à futura evolução da MCD para o crescimento econômico e o bem-estar social das populações carentes.

Inicialmente, um grupo de diferentes pesquisadores deste campo no Brasil e Reino Unido reuniu-se para pensar a dinâmica do workshop, como o próprio Prof. Wyon, o Prof. Bittar, a Profa. Dra. Valéria Figueiredo, da UFG/ FEFD, a Profa. Dra. Luciana Ribeiro, do IFG/Curso de Dança, a Profa. Dra. Aline Haas, da UFRGS/Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança (FEFID), a Profa. Dra. Márcia Strazzacappa, da UNICAMP/Faculdade de Educação, o Prof. Dr. Alexandre Ferreira, da UFG/FEFD, e as Profas. Dra. Andreja Picon e Isabel Sacco, da Faculdade de Medicina (FM)/USP. Este coletivo de pesquisadores com diferentes experiências na área da MCD, e com a mesma vontade de desenvolver colaborações inovadoras, propuseram os primeiros formatos para o evento e da Rede, e assim, foram-se afinando colaborações frente ao enorme potencial disponível.

Os diferentes perfis dos interessados na MCD, que participaram efetivamente da criação da Rede, apontam claramente para diversidade e amplitude da área, mas também indicam as dificuldades e pequena produção brasileira. Os dados vistos no evento demonstram que o interesse e envolvimento em relação a MCD no Brasil estão relacionados ao ambiente acadêmico, em pequenos grupos e pouca interlocução com a ampla área da Dança. Olivieri (2003) e Figueiredo et al (2013) talvez consigam explicar o porquê dos pesquisadores brasileiros terem acei-

to com certa naturalidade a formação desta Rede, uma vez que este sistema organizacional é capaz de reunir justamente indivíduos e instituições em torno de causas afins, de forma democrática, flexível e participativa, sustentando-se pela vontade e afinidade de seus integrantes. Nas Redes, os próprios indivíduos organizam o porvir através do exercício das suas cidadanias, tendo a chance de tornarem-se, assim, mais fortes e coesos.

Mas o modelo vigente no campo da MCD brasileira parece reforçar o isolamento das pesquisas acadêmicas e nos apresenta a dicotomia entre os saberes científicos produzidos e os saberes artísticos do mundo do trabalho. Entre os serviços que prestam atendimento aos bailarinos e a pesquisa da área, as descobertas de "laboratório" acabam sendo absorvidos de forma lenta pelos bailarinos, professores de dança em sala de aula, pelos médicos e toda a equipe de saúde que lida com os dançarinos e praticantes de dança. Talvez isto aconteça por ser a área da MCD ainda pouco estabelecida no Brasil, sendo que a cadeia de produção relacionada à mesma não consegue encontrar um modo adequado de gerar produtos e de consumir o que produz. Isto é fruto do próprio desconhecimento da área, falta de investimento e de interesse que acometem a mesma. Essa tensão gerada pode guardar relação com o grave problema que a pesquisa enfrenta, onde existe uma dificuldade em definir de modo satisfatório para que, quem e como o conhecimento deve ser produzido e difundido (BUARQUE, 1994).

Chamou-nos a atenção o fato de que dos oito PhDs seniores interessados no workshop e na Rede, que foram quase em sua maioria convidados pessoalmente pela organização do evento, alguns não se consideravam aptos a colaborar com a área da MCD, pois não se situavam profissionalmente como cientistas ou como trabalhadores que poderiam lidar com a área da saúde. Outros, já trabalhando na área da saúde, sentiram-se pouco interessados a investir na área artística, mesmo tendo se desenvolvido nela. Isso reforça que a MCD ainda é uma área pouco vista como campo de pesquisa efetivo no Brasil, que pode englobar um conceito de saúde mais expandido, como o explorado por Baima (2013) e Carvalho (2001), que abordam uma saúde concebida não só pelo bem-estar físico, condicionamento físico e reabilitação, mas ainda pela saúde financeira, ocupacional e pessoal, por exemplo.

Mas a confusão estabelecida em relação ao conceito de saúde, que pode fazer com que os pesquisadores seniores da dança não consigam relacionar-se com a MCD, guarda relação direta com a dificuldade que a própria saúde tem de definir-se e de garantir-se enquanto acessível irrestritamente, sem relação com classe social ou poder aquisitivo. A saúde começou a ser mais discutida no Brasil por volta de 1970, com a Reforma Sanitária Brasileira, que objetivou democratizar o acesso à saúde. Posteriormente, em 1986, na VIII Conferência Nacional da Saúde, passou-se a acreditar que saúde não era somente vinculada às condições de trabalho, lazer e alimentação, mas também dependia de como a sociedade se organizava e das desigualdades (CARVALHO, 2001). Portanto, a saúde passou a ser considerada mais como uma ação preventiva de âmbito descentralizado, sendo apresentada enquanto “[...] o resultado das condições de alimentação, habitação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse de terra e acesso aos serviços de saúde.” (MINAYO, 1992, p. 132). Isso fez

com que a saúde fosse mais vinculada aos conceitos de qualidade de vida, promoção da saúde e educação em saúde. Depois, a Constituição Federal de 1988 instituiu um artigo que declarava ser a saúde um direito de todos, e dever do Estado. Pela Organização Mundial da Saúde, saúde não é unicamente a ausência de doença, mas o completo bem estar físico, mental e social.

Percebe-se que essa discussão, sobre o lugar da saúde na dança e da dança na saúde ainda permanece bastante marginalizada, senão, inexistente. Quantos estudos na dança têm focado a qualidade de vida, ou mesmo a educação em saúde? Quantas escolas de dança ou companhias educam e encaram o dançarino como sendo capaz de ter a sua saúde garantida como um direito e dever do Estado, conforme versa a Constituição Federal de 1988 (Art. 196) Talvez a pergunta que deva ser feita no tocante à saúde na dança seja justamente: como e por que não lutar para que os dançarinos sejam considerados como cidadãos e trabalhadores em um Brasil que precisa garantir acesso dos mesmos à uma saúde que é consciência corporal e do mundo ao redor, e autonomia sobre si, resultado de educação e discernimento, e não isoladamente a ausência de doença (visão simplista), ou o bem-estar físico-psíquico-social (visão idealista), ou, quem sabe, estar em um padrão “normal” (normal/patológico, visão relativista), ou ainda disposição de superação das adversidades físicas, psíquicas e sociais (visão subjetivista)³

Ainda mesmo que em processo, a MCD começa a estabelecer-se e a criar pontes entre temas que, de uma maneira ou de outra, podem fazer com que a saúde do dançarino seja tida como prioridade na dança. Nesse sentido, as áreas mais desenvolvidas e pesquisadas hoje na MCD brasileira, segundo Bittar et al (2016), são: biomecânica, os processos de composição, de treinamento e a educação. Depois, seguem o Pilates e a educação somática, assim como a neurociência. Apesar de estar evidente que a MCD brasileira dialoga com a mundial, no tocante a aproximar-se dos temas mais pesquisados pelos profissionais de outros países, parece-nos que a pesquisa dos processos de composição no Brasil apresenta-se como bastante potente, visto que aparece como segunda área mais citada pelos colegas brasileiros da Rede.

A MCD como um Lugar Potencial de Pesquisas Poético-Criacionais e o Desafio Transdisciplinar

Dentro do contexto da MCD, queremos destacar aquele que abre um campo experimental no Brasil que vai além das reflexões e pesquisas que se desdobram no campo das biodinâmicas, estendendo-se para as formas de entender as experiências vividas pelos artistas dentro do seu contexto da cena e também de formação desta. Pode-se supor que este contexto engloba desde as aulas diárias de técnicas, criações, improvisações, dentre outras, que vão preparar os corpos não somente para a prática da dança em si, mas com um caminho potencial de manifestação de estados poéticos que começam no fazer a dança como algo que permite uma autopoiese.

O termo autopoiese foi utilizado por Maturana, Varela e Uribe (1974) pela primeira vez em um artigo publicado com o título “*Autopoiesis: the organization of*

³ Esta divisão da concepção de saúde (simplista, idealista, relativista e subjetivista) foi sugerida por Carvalho (2001).

living systems, its characterization, and a model”, para definir e explicar os seres vivos como sistemas que produzem a si mesmos (autoprodutores). A questão foi posta aos organismos pluricelulares, e em especial às células que possuem na sua fisiomorfologia a capacidade de ter uma estrutura comum, mas que ao mesmo tempo sofrem modificações diante das interações com outros sistemas. Isso vai permitir à célula, por um lado, gerenciamento de si mesma com as induções dadas pelo meio e, por outro, a capacidade de se adaptar a tais situações, produzindo indivíduos semelhantes/iguais e ao mesmo tempo capazes de adquirirem diferenças nas respostas dadas a todo o processo, interferindo sobremaneira naquilo que a influenciou a mudar. E o meio, por sua vez, age sobre ela, até que estes dois sistemas (célula e meio) entrem em equilíbrio.

Essa capacidade do corpo de autogerenciar-se, no sentido de colocar-se em um estado extra cotidiano, estabelece outros padrões de manifestação, criando um jogo de sedução entre o artista e o público, onde o espaço entre estes dois é preenchido por algum tipo de energia que vai liberar no corpo do artista, a priori, uma presença encantadora. Isto acontece não somente pela condição física, mas também pela capacidade estimulada do artista encarnar-se no próprio acontecimento ao qual se está e se é ao mesmo tempo (FERREIRA, 2012). Neste cenário, o artista torna-se um sujeito encarnado.

Na Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty (2006) nos apresenta a teoria da percepção fundada na experiência do sujeito encarnado, do sujeito que olha, sente e, nessa experiência do corpo fenomenal, reconhece a si e ao espaço como expressivos e simbólicos. O artista não é somente enação que se faz na cognição mental ou na prática de uma mente atuante como cogito, mas como cognição arbitral de um corpo encarnado que se estende para além do processo mental e se coloca em situação resultante de comportamentos surgidos durante o processo da poética corporal e da cena, que não se inscrevem na mente, mas no corpo que se faz biopsicossocial.

Para que estes estados de poéticas sejam manifestados são necessários desenvolvimentos de caminhos que permitirão o imbricamento entre questões que tangem os processos biológicos, tais como memórias, aprendizagens e comportamentos, dentre outros, e os artísticos que se dão dentro das próprias nuances, neste caso, do fazer a Dança através de suas inúmeras possibilidades de preparação. Tais conexões podem permitir um olhar para o fazer a dança, tanto no seu nível básico quanto na alta performance, mais fluido, fronteiro e recheado de teias de possibilidades que vão se abastecer em conhecimentos multimodais, tais como o entendimento de memória que passa tanto pelas questões das neurociências e dos neurônio-espelho, das ciências cognitivas etc., quanto das filosóficas; e as relacionadas ao treinamento físico.

Esses elementos estabelecem ressignificações, pontos de apoios, para que a poética não seja apenas replicada como estética, mas como potência e realidade de um ser em consonância consigo e com outros espaços. Dessa forma, as memórias e desejos são fundantes que se reconhecem e fazem reconhecer o outro em jogos de ações, os quais definirão diferentes graus de poéticas a partir da experiência e novos comportamentos impregnados no organismo. E esse diálogo entre as memórias e desejos, seus acionamentos, suas manifestações e suas utilizações como caminhos para se chegar nos estados poéticos acionam outros modos de com-

preender o corpo e seus processos de ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, a MCD abre inserções e aproximações entre profissionais de diversas áreas do conhecimento, tanto das ciências quanto da arte para que outras perspectivas de ações na preparação corporal dos artistas da dança sejam definidas, oferecendo maiores possibilidades para que possam ser feitas escolhas que tangem a Arte/Vida.

Mas tornar-se transdisciplinar, para acampar as ações poéticas na MCD, pode ser um dos desafios mais difíceis, pois esta recente estratégia da teoria do conhecimento abarca aquilo que está simultaneamente entre, através e além de diferentes disciplinas (COULON, 1998). A visão transdisciplinar propõe aos indivíduos a consideração de uma realidade complexa e multidimensional, estruturada em diversos níveis, em substituição à realidade unidimensional do pensamento clássico, com um único nível.

Para que a MCD possa pensar de forma transdisciplinar, é necessário aceitar a possibilidade de coexistência de diferentes e infinitos níveis de realidade. Nesses, dois níveis de realidade adjacentes estarão sempre ligados pela lógica de uma coerência existente entre os diferentes níveis de realidade, mas nunca uma teoria completa para uma realidade. Mas as realidades criadas por cada área de estudo estão imediatamente ligadas aos limites criados pelos seus integrantes, de seus corpos e de seus órgãos dos sentidos. Se for possível trabalhar em função da criação de zonas de não-resistência e de transparência, pode-se sempre caminhar para novas realidades em unidades abertas.

Coulon (1998) consegue dialogar com as ideias transdisciplinares ao entender o fenômeno da complexidade e a multirreferencialidade quase como posturas do espírito, em que a combinação de várias abordagens e conceitos heterogêneos traz coerência interna a um argumento e à ação. A complexidade se faz necessária na medida em que a natureza do objeto não se deixa apreender por uma única disciplina ou paradigma. Assim, a complexidade aborda o objeto de estudo de maneira dialógica, considerando o antagonismo e não excluindo a contradição. Ela aponta na direção do novo espírito científico, apresentado por Edgard Morin, em que as disciplinas científicas dialogam entre si e redefinem as noções de ordem e desordem.

Dessa forma, percebe-se que a criação da Rede BR-UK em Medicina & Ciência da Dança precisa, para realmente dar conta dos fenômenos acontecidos na Dança, lidar com uma noção reconfigurada de conhecimento. Para entender a complexidade dessa área é necessária uma abertura de espírito na qual a ideia do conhecimento único seja ultrapassada. Ele é, preferencialmente, considerado como uma tradução e uma reconstrução. O verdadeiro conhecimento é atingido não por reflexo, mas por uma análise autocrítica sobre como as colocações feitas se processam dentro de cada indivíduo. O mais importante é projetar valores e ideias-força, pois a ação será sempre uma estratégia e não seguirá passos pré-estipulados, ou seja, será a arte de trabalhar com a incerteza.

Por outro lado, a expansão desgovernada do saber, impulsionada pelo desenvolvimento tecnológico e científico e pela fugacidade da Internet, pode distanciar os indivíduos dessa Rede ainda mais do conhecimento real, articulado e contextualizado. Afogados em tanto conhecimento, não conseguem integrá-lo para a solução dos desafios desta época:

A cultura humanística [e a artística] é uma cultura genérica, que, pela via da filosofia, do ensaio, do romance, alimenta a inteligência geral, enfrenta as grandes interrogações humanas, estimula a reflexão sobre o saber e favorece a integração pessoal dos conhecimentos. A cultura científica, bem diferente por natureza, separa as áreas do conhecimento; acarreta admiráveis descobertas, teorias geniais, mas não uma reflexão sobre o destino humano e sobre o futuro da própria ciência. [...] O enfraquecimento de uma percepção global leva ao enfraquecimento do senso de responsabilidade – cada um tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada -, bem como ao enfraquecimento da solidariedade – ninguém mais preserva seu elo orgânico com as cidades e seus concidadãos. (MORIN, 2002, p. 17)

Se por um lado a reforma do pensamento aponta para o fim da necessidade de especialistas cada vez mais arraigados a um saber seccionado, por outro percebe-se que o conhecimento do sensível, no qual se configuram diferentes ângulos do saber social, psicanalítico, etnológico, anatômico, fisiológico, geopolítico, e, principalmente, do estético, vem ganhando novo espaço, confirmando a aceitação do complexo e apontando para a transdisciplinaridade, que deve funcionar como base para a bem-sucedida atuação da Rede BR-UK em MCD.

87 ■

Considerações Finais

A dança é um campo transdisciplinar em grande desenvolvimento no Brasil, sendo a segunda atividade cultural mais praticada entre os brasileiros, de acordo com dados MUNIC (IBGE/Ministério da Cultura, 2006). Hoje o Brasil possui 34 universidades que oferecem cursos de graduação em dança, mas apenas uma oferece pós-graduação específica em Dança e outras com proximidade à área, e nenhuma abrange a MCD. Este cenário acaba pressionando os profissionais que trabalham com dança, a não terem a experiência necessária nem formação para lidar com a prevenção e os efeitos devastadores dos problemas de saúde negligenciados relacionados com a prática da dança. Os dançarinos, desde o início dos estudos em dança, até o momento em que se tornam profissionais, são os que mais sofrem com este panorama, pois acabam parando de dançar ou de trabalhar com dança, devido a não ter o apoio necessário para aprender a evitar lesões, ou para pagar por tratamentos, quando machucados.

Em Goiânia, e em outras cidades do Brasil, a dança é importante campo no desenvolvimento econômico e bem-estar social de uma parte considerável da população. Goiânia é a cidade sede de uma das mais renomadas companhias de dança contemporânea no Brasil. Além disso, dois cursos de graduação em dança e uma escola de dança profissional do estado também estão disponíveis. Todos esses cursos são oferecidos gratuitamente, e concentram-se em atender as populações carentes, que podem frequentá-los, ou mesmo participar dos projetos de extensão/pesquisa ofertados.

Considerando isso, este cenário poderia ser melhorado pela oferta de serviços gratuitos na área da MCD nas instituições mencionadas no texto, que preveniriam e tratariam doenças (um dos projetos). Isso faria dançarinos carentes tornarem-

-tornarem-se capazes de dançar mais e de ficarem mais fortes. Projetos de educação continuada e de capacitação na área da MCD poderiam também ser ofertados pelas instituições mencionadas (segundo projeto), com dançarinos e profissionais que trabalham com a dança recebendo uma educação adequada, a fim de começarem a trabalhar com MCD (terceiro projeto). Isso poderia oferecer uma chance aos dançarinos que estão em transição de carreira, por exemplo, deixando de ser artistas performáticos, no sentido de começarem a trabalhar em cargos bem remunerados nas áreas de educação em MCD. Estes projetos criariam uma outra realidade para o campo da dança, transformando a sociedade e agregando valor ao patrimônio cultural brasileiro.

Este artigo apresenta um panorama das dinâmicas ocorridas no processo de realização do workshop “As Potencialidades e Desafios da Pesquisa em Medicina e Ciência da Dança: construindo colaborações inovadoras entre o Reino Unido e o Brasil” e da formação da Rede BR-UK em Medicina & Ciência da Dança, trazendo dados que nos dão uma ótima noção dessa área no Brasil, mesmo que estes ainda tenham sido exploradas de forma inicial, sem a profundidade possível. Além de conhecer melhor a área da MCD no Brasil, os resultados apresentados nos fizeram começar a pensar em iniciativas e colaborações inovadoras que podem levar ao desenvolvimento de serviços, pesquisas e oportunidades educacionais, tanto para os dançarinos quanto para os profissionais envolvidos com a dança.

Esperamos que este artigo possa gerar ainda maior interesse dos profissionais que trabalham com a dança no Brasil, para que possam envolver-se com as ações da Rede, na tentativa de torna-las menos circunscritas ao meio acadêmico.

Em artigos posteriores pretendemos melhor esclarecer porque ainda existe a percepção que os serviços na MCD são inacessíveis, e que os bailarinos não podem ter acesso à especialidade em questão. Gostaríamos de refletir sobre a percepção existente do distanciamento do que acontece na academia com a sociedade, dificultando o acesso às parcerias; e o porquê da dança brasileira em si ainda não ter encontrado grande respaldo das iniciativas públicas e privadas, que poderiam assumir alguma responsabilidade pela saúde e cuidados com os bailarinos. Também poderemos refletir sobre os motivos de no Reino Unido existirem outras instituições, tanto públicas e gratuitas, quanto privadas sem fins lucrativos, que já começaram a investir nessa área, pois conseguiram sistematizar a mesma e deixar mais claro o que pode ser gerado de benefícios quando a MCD está em cena. No Reino Unido já é sabido que o dançarino que tem acesso a MCD pode melhorar sua atuação enquanto intérprete da dança, podendo estender sua atuação profissional por mais tempo, bem como, pode usar o que sabe para ensinar e tratar questões relacionadas ao bem estar, qualidade de vida e atuação na formação de novos artistas da dança e de outros cidadãos dançantes que podem fazer toda a diferença na sociedade em que vivem.

Referências

BAIMA, L. **As Representações Sociais sobre as Concepções de Saúde dos Especialistas em Pilates no Brasil**. Artigo da Especialização em Pilates da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2013. Disponível em <http://www.ceafi.com.br/biblioteca/as-representaes-sociais-sobre-as-concepces-de-sade-dos-especialistas-em-pilates-no-brasil-1>. Acesso: 09 novembro 2016.

BITTAR, A.; FIGUEIREDO, V.; FERREIRA, A. "A Criação da Rede Brasil-Reino Unido em Medicina e Ciência da Dança como um Lugar Potencial de Relações Profissionais e Pesquisas". **Revista Movimenta**. V 9, n. 04, 2016, p. 522-529.

BUARQUE, C. **A aventura da universidade**. São Paulo: Ed. UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

CARVALHO, Y. "Atividade física e saúde: onde está e quem é o "sujeito" da relação". **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, V 2, n. 22, 2001, p. 9-21.

COULON, A. "Etnometodologia e Multirreferencialidade". In: **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. BARBOSA, Joaquim (Coord.). Tradução Maria Amália Ramos. São Carlos, SP: EdUFSCar, 1998. p.149-158.

FERREIRA, A. **Intérprete-Criador na Dança Contemporânea: um corpo polissêmico e co-autor**. In: II Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA, 2012, São Paulo. Anais do II Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA, 2012. p. 1-10.

FIGUEIREDO V.; MAIA, U.; STRAZZACAPPA, M. **Processos de criação em Teatro e Dança**: construindo uma rede de saberes e múltiplos olhares. Goiânia: FUNAPE: UFG, 2013.

GAM, C. **Integrando Dança e Saúde no Brasil, Parte I: primeiros passos de um campo em ascensão**. Disponível em <www.iadms.org/blogspot/1177934/237549/Bridging-Dance-and-Health-in-Brazil-Part-I-The-early-steps-of-an-emerging-field?hhSearchTerms=%22brazil%22&terms=>>, blog IADMS. Acesso: 10 maio 2016.

IADMS. **Sobre**. Disponível em <www.iadms.org/?page=A8>. Acesso em agosto de 2016.

IBGE/Ministério da Cultura. **Suplemento de Cultura da Pesquisa de Informações Básicas Municipais - MUNIC 2006**. Disponível em www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/cultura2006/default.shtm. Acesso: 10 maio 2016.

MORIN, E. **A Cabeça Bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MATURANA, H.; VARELA, F.; URIBE, R. **Autopoiesis: the organization of living systems, its characterization, and a model**. BioSystems 5, 1974.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MINAYO, M. **Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1992.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Trad. Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Trion, 1999.

OLIVIERI, L. A importância histórico-social das redes. **Rede de informações para o Terceiro Setor**, 2003.

RYAN, A. Early History of Dance Medicine. **Journal of Dance Medicine and Science**. Volume 1, N. 1, 1997, 30-34.

STRAZACCAPPA, M. “As técnicas corporais e a cena”. In: GREINER, Christine e BIÃO, Armindo (Org.). **Etnocenologia: textos selecionados**. São Paulo: Annablume, 1998, p. 163 – 168.

Recebido em: 20/12/2016 – Aprovado em: 15/03/2017